

Sobre espaços, turistas e *homelands* imaginadas

Erna Pires

Universidade de Évora

Resumo: Este texto explora relações entre espaços, identidades e processos turísticos. Baseado em trabalho de campo antropológico (realizado em Portugal, Malásia e Singapura), aborda-se o processo de construção social do espaço do bairro português de Malaca (1929-2009). Discute-se o processo de apropriação social do bairro por várias categorias de pessoas e argumenta-se que, desde a sua produção colonial à sua reapropriação contemporânea, coexiste uma retórica de nostalgia empacotada subjacente aos usos do espaço.

Palavras-chave: Malaca; euroasiáticos; espaço; emigração; turismo.

Abstract: This text explores relationships between spaces, identities and tourism process. Based in anthropological fieldwork (conducted in Portugal, Malaysia and Singapore), it addresses the process of social construction of the “Portuguese Settlement” of Melaka (1929-2009). It discusses the process of social appropriation of the settlement by several categories of people and it argues that, since its production until its contemporary (re)appropriation, coexists a rethorical packaged nostalgia underlying the uses of space.

Keywords: Melaka; Eurasians; space; emigration; tourism.

Introdução

O presente texto insere-se tematicamente no campo da Antropologia social e cultural. É motivado por um interesse teórico em explorar a relação entre a produção de identidades sociais e a construção e apropriação social de espaços, com enfoque empírico na análise de um espaço residencial localizado na cidade de Malaca (Malásia).

O Bairro Português de Malaca é a designação em língua portuguesa de um local que é quotidianamente designado na Malásia como *Portuguese Settlement* (em língua inglesa), *Padri sa Chang* (em língua kristang), e *Kampung Portugis* (em língua malaia). Construído no final da década de 1920 para alojar membros de uma população carenciada de euroasiáticos portugueses (na sequência de uma proposta de dois missionários europeus), o Bairro Português é habitado desde a década de 1930. Neste espaço (hoje inscrito na malha suburbana) da cidade de Malaca, “contam-se sete ruas, um convento da Ordem Canossiana, um palco para ocasiões festivas, uma praça erigida em 1984 com o apoio do governo português, um sino doado no mesmo ano pela Fundação Calouste Gulbenkian, uma escola primária, três pequenas lojas, sete restaurantes e uma fila de *stalls* (‘vendas’) à beira-mar dedicados à confecção de pequenas refeições” (O’NEILL 1997: 68). O processo turístico no bairro tem vindo a efectivar-se de um modo contínuo e gradual. Com efeito, segundo O’Neill, o espaço “tem-se tornado, em anos recentes, um centro nevrálgico da indústria turística de Malaca, a ponto de constar em praticamente todas as brochuras e catálogos turísticos da Malásia como confirmação viva da natureza pluriétnica e multicultural do país. Estes textos incluem invariavelmente uma fotografia de um rapaz e rapariga portugueses de Malaca a dançar em estilo ‘folclórico’. Estas imagens emblemáticas são reconhecidas e interiorizadas pelos próprios Kristang” (O’NEILL 1997: 68). Este é o espaço residencial dos portugueses de Malaca, um grupo de euroasiáticos que tem vindo a ser objecto de análise por parte de vários autores, situados tematicamente na Antropologia (Brian O’Neill), Etnomusicologia (Margaret Sarkissian) e Linguística (Isabel Tomás e Alan Baxter). O grupo tem também sido analisado em publicações de divulgação cultural e científica por autores pertencentes ao grupo (Gerard Fernandis, Bernard St Maria, Joseph St Maria e Joan Marbeck).

Especificamente, o enfoque desta pesquisa é a análise da produção e apropriação de espaços contemporâneos. O interesse central é compreender os processos de investimento na classificação e na indexação de espaços como ‘turísticos’, bem como, explorar as modalidades de apreensão dessas etiquetas pelas pessoas. Em particular, através do método etnográfico, visa-se contribuir para a compreensão dos usos e apropriações que os portugueses de Malaca residentes fora da Malásia fazem do espaço residencial do Bairro Português de Malaca.

Em articulação com o problema de como se constroem processualmente espaços, encontra-se a compreensão de como estes são classificados através de agenciamentos vários, ao longo do tempo. Compreender o processo de construção social do Bairro Português de Malaca, no período de cerca de setenta anos decorrido do início da sua edificação e apropriação social, está fora do enquadramento do presente texto, mas foi por nós realizado num outro lugar (PIRES 2012). Na actualidade, coexistem no espaço várias etiquetagens, produzidas por várias categorias de pessoas. Uma das modalidades recentes da sua etiquetagem espacial é a classificação como local de interesse turístico. Contudo, o turismo é uma “camada” mais recente de um processo mais recuado de classificação do espaço como gueto colonial, ruína imperial (STOLER 2008).

O presente texto está organizado em três secções: na primeira enquadra-se metodologicamente a análise; a secção central, intitulada “Pessoas no Espaço”, caracteriza o processo de apropriação do espaço pelas pessoas em análise; finalmente, na terceira secção, realiza-se uma análise conclusiva, em tom de balanço em aberto.

Enquadramento metodológico

A presente investigação está ancorada em pesquisa etnográfica. O período de observação participante em Malaca decorreu ao longo de onze meses (em três períodos, cronologicamente decorrentes entre Agosto de 2006 e Abril de 2009). O universo a focar etnograficamente neste estudo incluiu o conjunto da população residente no Bairro Português de Malaca, assim como o conjunto de pessoas que visitam o espaço. A entrevista qualitativa a informantes qualificados constituiu o segundo instrumento metodológico utilizado (entrevistas não estruturadas e semiestruturadas). Este instrumento de recolha de dados relacionou-se intimamente com a forma como o universo de pesquisa foi decomposto; do conjunto da população residente no bairro – cerca de mil pessoas – recorreu-se a uma forma de amostragem não probabilística. A investigação bibliográfico-documental, terceiro pilar metodológico deste trabalho, foi também fundamental na prossecução do projecto. Keith Punch anota que uma diversidade de fontes documentais “might be used in various ways in social research. Some studies might depend entirely on documentary data, with such data [being] the focus in their own right” (PUNCH 1998: 190). Esta ferramenta de investigação foi imprescindível na contextualização teórica, empírica e processual do universo de estudo. Por outro lado, o uso de outras fontes documentais e a análise de imagens (fotografias) foram igualmente relevantes. Corrobora-se aqui, como refere Sarah Pink, que as imagens “may not be the main research method or topic, but through their relation to other sensory, material and discursive elements of the research images and visual knowledge will become of interest” (PINK 2001: 5). Na análise qualitativa dos resultados obtidos durante o trabalho de campo (observação directa e

participante), emergiram as dimensões etnográfica e interpretativa, com uso combinado de procedimentos de análise temática e categorial (MARSHALL e ROSSMAN 1999).

Assume-se a construção de Malaca e do *Settlement* “não como terrenos *per se* mas como cenários onde se desenvolvem identidades historicamente situadas” (SILVA 1997: 151). Esta autora, parafraseando Frederik Barth, associa-se aos autores que tomam a “sociedade não como coisa, mas como o contexto para a acção e seus resultados, e o terreno não como localidade mas como o campo de relações com pertinência para as pessoas envolvidas no estudo” (SILVA 1997: 151). Com isso, a produção do lugar em que a observação se alicerçou está espacializada em Ujong Pasir, Malaca, mas estende-se numa rede de conexões a vários outros espaços físicos situados em Malaca, Singapura e Portugal. Tendo sido realizada recolha de informação nestes três locais, esta é uma etnografia multi-localizada. Situado em Malaca, o contexto empírico de observação etnográfica transpôs as fronteiras espaciais da cidade e do país. A construção da rede de informantes realizou-se em bola de neve, através de uma rede de pessoas hoje deslocalizadas face ao contexto empírico de observação (o Bairro Português de Malaca).

Quando em Malaca, a escrita de notas de campo foi um processo estruturante do quotidiano. A maioria das notas de campo foi redigida em português; o texto, fazendo eco do contexto linguístico falado no bairro, integra ainda alguns segmentos de frase em língua inglesa, em kristang e em língua malaia.

Em articulação com o trabalho de campo em Malaca, a pesquisa documental foi realizada em instituições públicas e em arquivos privados (localizados em Portugal, na Malásia e em Singapura)¹. Finalmente, foi também realizada, ainda que de um modo situado e exploratório, pesquisa em contextos de espaço virtual (suportes hipermedia/ hipertexto) em *blogs* e *sítios web*. Para este fim, foram usados procedimentos metodológicos de etnografia virtual (HINE 2000).

Pessoas no espaço

O *Portuguese Settlement*, o espaço empírico em análise ao longo deste trabalho, é hoje classificado como ‘turístico’. Argumentarei aqui, em articulação crítica face a essa classificação turística, que os portugueses de Malaca reclassificam quotidianamente o seu “lugar” – espacial e identitariamente. No contexto empírico em análise, os limites das categorias “turista”, “visitante” e “residente” são porosos, bocelados. Pressupõem *nuances* matizadas, imprecisas, face a outras situações de desempenho de um papel social de fronteiras estanques. No plano observacional e analítico, a categoria turista está ancorada num enquadramento mais situacional do que outro. O papel social de turista pode ser fugaz, volátil. Na micro-esfera desta empiria, os “turistas” são uma categoria relativamente vazia. A etnografia permite, não obstante, preencher

esse vazio através de observação concreta das práticas espaciais de várias categorias de pessoas. Para situar os limites da categoria, usam-se as designações énicas, usadas pelos residentes para caracterizar quem são os principais frequentadores do espaço: kristang, chineses (dos Estreitos, de Singapura e da China), singapurenses, *Makan-people* (comensais), *K. L. people* (pessoas da capital, Kuala Lumpur), *matsallehs* (brancos)² e ainda os *outros* (mediadores turísticos, residentes, políticos locais e estaduais). Estas categorizações têm também uma etiquetagem marcadamente situacional³.

O *Sea Terrace*

Oswald Goonting é um sexagenário português de Malaca, residente na Rua Sequeira. É casado com Catherine Fernandez e não tem filhos. Começou a ganhar a vida como pescador (marcas que o seu rosto tisonado pelo sol deixa ver) e depois como jardineiro (na escola do *Settlement*) antes de se dedicar à restauração a tempo inteiro. Em 1977 começou a trabalhar como ajudante no primeiro restaurante que existiu no *Settlement* e, em 1991, assumiu o desafio de se tornar concessionário do espaço, situação que acumulava com o seu trabalho de jardineiro. Oswald fez negócio com o anterior proprietário da concessão (que lha vendeu por seis mil *ringgits*), pediu emprestado dinheiro a um amigo chinês e lançou-se ao trabalho.

Entre 1991 e 1995 o negócio foi pouco rentável, mas começou a melhorar desde então e até ao presente. Actualmente trabalham consigo treze pessoas a tempo inteiro, entre as quais a esposa e dois dos cunhados, um dos quais, Kenny, é hoje seu sócio no negócio, sendo a pessoa a quem Oswald pensa entregar o restaurante quando se reformar. Oswald e a mulher, Catherine, cozinham. Kenny gere a zona das mesas dos clientes e as restantes pessoas servem à mesa ou ajudam na cozinha ou na caixa de pagamentos. Oswald contratou em 2009 um terceiro cozinheiro, chinês, que prepara refeições de *noodles* (massas). À excepção deste cozinheiro, todos são euroasiáticos residentes no *Settlement*.

O seu restaurante tem o nome de *Sea Terrace* e está localizado no número 1 da rua dos *stalls* no *Settlement*. O espaço não vende especificamente “comida portuguesa” e, na verdade, é sobretudo conhecido pela *seafood* (refeições de marisco). O principal prato é o caranguejo com pimenta (*pepper crab*). Segundo Oswald:

my costumers, the most important thing they come is for crab, the pepper crab. If there's no crab, they won't eat anything, they'll go back. (...) one night I can sell 50 kgs of crab. Without crab I cannot survive, that is the main dish: crab, fish and prawns. This is our most expensive dish. If 10 persons come and eat crab, fish and prawns, it will cost you 200 ringgits.

Devido à quantidade de caranguejos que compra, Oswald tem três fornecedores diferentes, todos empresários de Kuala Lumpur; diz que, “Here in Malacca we don't have the main suppliers, all crabs come from Kuala Lum-

pur. Mostly these crabs come from Sri Lanka, Indonesia, India. They fly to the airport...”

Em contraponto com os seus caranguejos, Oswald, referindo-se aos clientes, anota que “mostly are locals, and that’s why they know, always they come and eat”. Os clientes do seu *Sea Terrace* são regulares, na sua maioria, e originários da Malásia e de Singapura:

Mostly are Chinese, [and also] Singaporeans. They are very good regulars. Whenever they are in Malacca they will drop down. Especially Singaporeans, because my price compared to all the others, is a totally different price. All my prices are cheaper by 50 cents to one ringgit, even these chicken wings⁴ [...]. I don’t increase the price I still maintain it. From 1991 I was selling a fried chicken wing 1,50 ringgits, now it’s 2007 and I maintain it. The supplier asked me to increase the price but I did not... after all I still make money. To me all my dreams, all I wanted, everything came true. I wanted to be a boss, now I’m the boss.

Talvez por isso o empresário queira manter o seu negócio independente de acordos com agentes de viagens, porque se recusa a aumentar o preço das refeições que permitiriam a outros ganharem comissões, que ele julga serem injustas e que encarecerem o preço final a pagar pelos clientes:

you come, you sit, you pay the bill. No such thing as marking up, I don’t agree with that. ... Everything he [o agente turístico] wants to mark up, even the food, I said: no way. I do business real honestly. Like the tourists, when they come, two persons can have two small beers, it will cost them 15 ringgits, you can take a big bottle, you can still share, it will cost you 13 ringgits. They have big bottles, instead of having two little ones. If you ask me to mark up, sorry, there’s no way...

Para Oswald, a sazonalidade turística não é um problema, porque diz ter uma clientela constante que frequenta regularmente o seu *stall*: “for me I don’t say when the best time is. Mine is every month, every day the same. I can maintain, it comes to Saturdays and Sundays it’s worse, more business”. O dia de folga de Oswald Goonting é a terça-feira. Nesse dia, fica em casa a jardinar no seu *kintal* e ao fim do dia vai à praça portuguesa beber com os amigos. Costuma consumir uma quantia razoável de comida e bebida nos restaurantes da praça e ficar a jogar as cartas até ao anoitecer. É o seu prazer pessoal e também uma maneira de ajudar os colegas dos restaurantes da praça. Entre os factores de sucesso do espaço de Oswald Goonting parece residir a circunstância de o seu restaurante estar instalado na orla costeira. Em contraponto, os outros espaços de restauração localizados na praça portuguesa, estão quotidianamente vazios.

Os primos de Singapura

Philomena Nonis⁵ é uma sexagenária portuguesa de Malaca, residente em Singapura. O seu pai era um migrante Bengali (da Índia), e a sua mãe era euroasiática portuguesa. Philomena migrou para Singapura, com vinte e poucos anos, e ali conheceu o seu futuro marido, um chinês de dialecto *Hokkien*. Tem dois filhos solteiros e adquiriu entretanto a nacionalidade de Singapura. Apesar disso, a sua *homeland*⁶ imaginada ainda permanece na Malásia. Várias vezes no ano, Phil viaja para Malaca com o marido. Usam os transportes públicos para se movimentar entre os dois países. Desde a área residencial onde vivem (em *Bedok Reservoir*), o casal vai de autocarro urbano para o centro de Singapura. Na estação central de camionagem tomam depois o autocarro que atravessará a fronteira entre os dois países e os levará até Malaca, passadas quatro horas de viagem.

Em Malaca, Phil costuma ficar alojada em casa dos seus primos, localizada na rua principal do *Settlement*. Esta casa está na sua família há duas gerações. Philomena Nonis regressa a Malaca para restabelecer a ligação com as suas raízes. Fica na casa dos primos alguns dias, nunca mais de uma semana. Durante as manhãs, ajuda a prima a cozinhar, na cozinha das traseiras (*kintal*). Depois de almoço, costuma ir à cidade passear. Os seus itinerários incluem ir às compras (nos mercados nocturnos, nas ruas do centro da cidade e nos novos centros comerciais). Um excerto, retirado do diário de campo, anota isto:

Philomena e o marido saíram para a cidade, de bus, e regressaram depois das 3 da tarde. Foram aos centros comerciais. Almoçaram um hambúrguer no *Carrefour* e comentaram que é muito mais barato [almoçar] ali do que em Singapura (4 dólares malaios, 2 de Singapura). Estiveram uma hora à espera do autocarro para regressar ao bairro. Comentaram desagradosos, acerca da ineficiência dos transportes públicos locais, quando comparados com Singapura (*Notas de campo*, Sábado, 14 de Fevereiro de 2009).

Fazer compras em Malaca é valorizado por Philomena como uma “truly Malaccan experience”, onde encontra “cheap items” para comprar com os seus dólares de Singapura. Uma outra actividade essencial que realiza nas estadias em Malaca é ir comer fora (“going out for makan”). Phil gosta também muito de ficar em casa, no *Settlement*, à conversa com os seus familiares do *kampung* (aldeia). Philomena Nonis vai a Malaca durante as épocas festivas (S. Pedro, *Christmas*, *weddings*) e sempre que tem férias em Singapura. O seu marido apoia-a bastante, incentivando-a nas viagens à sua *homeland* e a retomar as suas “Eurasian roots, and also, to pass these ‘heritage’ to their children” (também ele e os seus irmãos estão a renovar a casa da família na *mainland China*).

Veronica, a filha mais velha do casal, raramente visita Malaca. Esta jovem mulher é graduada em Turismo, fala várias línguas e trabalha como “service manager” num hotel (propriedade do Sultão de Brunei e localizado no centro de Singapura). Veronica adquiriu recentemente o seu próprio apartamento, localizado a dois “blocks” de distância da casa dos pais. Poupança dinheiro e contratou um arquitecto de interiores para decorar a sua casa nova. É neste espaço que ela organiza o seu trabalho em *part-time*: workshops de culinária euroasiática (“Eurasian Food”) para pequenos grupos de pessoas (que fazem marcações prévias). O cartão pessoal (“business card”) da filha de Phil tem o título “Veronica’s Cozinha”. Veronica aprende com a mãe as receitas que ensina aos seus “guests” e ambas cozinham e entretêm as pessoas. Na sua maioria, os clientes que frequentam a cozinha da Veronica são chineses de Singapura e euroasiáticos.

Veronica costumava ir a Malaca na infância e adolescência e, mais raramente, na idade adulta. Evocando a sua mais recente estadia na Malásia, comentou⁷ comigo que o *Settlement* lhe parece agora um *rojak*⁸, metáfora que expressa um espaço desordenado e confuso (devido a ter sido tomada mais terra ao mar e ter sido construído entretanto um hotel, espaço que lhe desagrada). Por isso, afirma Veronica, aquele é hoje um lugar menos bonito e também menos atractivo enquanto espaço de turismo.

Para a sua mãe, a estética do espaço do bairro é menos relevante do que a conexão que a liga a ele. Quando questionada sobre isso (sobre o que a liga ao espaço), Philomena expressa os laços afectivos que a ligam a Malaca. Das suas palavras, depreende-se que na Malásia fica a sua *homeland*, mas que Singapura é a sua *nation*. Voltar à terra de origem (e em concreto, regressar ao *Settlement*) é um exercício enleado em lembranças do passado (por si guardadas e valorizadas). Mas, ao mesmo tempo, Phil enfatiza a sua boa vida do presente (em Singapura), quando comparada com as lutas do passado (“struggles of past life”), desconstruindo quaisquer laivos de nostalgia acerca dos tempos pretéritos.

Em Singapura, nas horas vagas, Philomena e o marido cultivam com devoção um canteiro com flores e vegetais, junto ao prédio alto do seu apartamento. Ela refere, em tom comparativo, que em Malaca as pessoas têm mais terra mas não querem cultivar vegetais. As suas “Eurasian roots” ligam-na àquele espaço, que é retratado como uma *homeland*. A sua actual nacionalidade e experiências de vida desligam-na de Malaca. As viagens de Phil entre os dois espaços criam um espaço ambíguo (um espaço “in-between”) entre a rapariga que ela foi (no passado remoto) e a mulher em que viria a tornar-se. No presente, ela tem algumas reservas sobre o país onde nasceu, por si descrito como “corrupto” e “desorganizado”, se tomarmos como comparação o seu actual país, Singapura.

Ela e toda a sua família são membros activos da Associação de Euroasiáticos de Singapura. Depois que se aposentou, Phil preenche ali muito do seu tempo livre, em acções de caridade com outras “Eurasian ladies” de Sin-

gapura. Depois das suas viagens a Malaca, leva alguns presentes para as amigas de Singapura. Por vezes, são as suas amigas que lhe encomendam “coisas de Malaca” (entre as quais, alimentos semelhantes aos *pickles* de manga que se vendem na loja de Sharon, os quais são produzidos em indústrias caseiras do *Settlement*).

Philomena Nonis emula as coisas boas do país da sua infância, mas ao mesmo tempo religa-se ao seu estatuto presente de singapurense⁹. Ela acrescenta que este último local é melhor para viver, devido ao nível de vida e ao facto de ser mais organizado.

As suas viagens a Malaca e as estadias na casa dos primos são maneiras práticas de se religar às suas raízes, através das actividades quotidianas que realiza com os parentes de Malaca (ir passear, às compras, ficar em casa, cozinhar). Ela diz que precisa de voltar ali para fazer essas coisas. E, ao mesmo tempo, fazendo-as, reconfirma que Singapura é o seu lugar do presente, a sua “nação”. Para confirmar essa pertença do presente, Phil precisa de se religar à *homeland* de Malaca. De um modo ambivalente, ainda que aparentemente paradoxal, Philomena Nonis realiza, nas suas viagens periódicas a Ujong Pasir, uma peregrinação secular à *homeland* sacralizada de Malaca. E através do contacto com a *village life* de Malaca, recicla a sua *Eurasian-ness* reajustada com a experiência do quotidiano no *Settlement* (“to a daily basis”). Finalmente, no regresso a Singapura, Philomena Nonis leva na bagagem objectos variados, mas também (e talvez, acima de tudo) um acrescido capital simbólico para exhibir entre as suas amigas euroasiáticas residentes em Singapura¹⁰.

As kristang da Austrália e as suas casas de férias

Outras pessoas que conheci durante o trabalho de campo são visitantes kristang com planos para regressarem definitivamente a Malaca. Uma delas é Maureen Shepherdson May (residente em Benalla, Victoria, Austrália). Maureen nasceu em Malaca em 1946 e cresceu no *Settlement* com os irmãos e os pais (o seu pai foi regedor durante o período da ocupação japonesa). Com o seu actual marido, o australiano Ian May, Maureen regressa anualmente à casa da sua família, na Rua D’Aranjo. Vem geralmente em Agosto, ou em Dezembro, gozar as férias da sua actividade profissional (a enfermagem). Esta visita é uma pausa para si essencial no calendário anual e um tempo precioso em que revê os familiares residentes na cidade (irmãos, filhas e netos). Conhecemo-nos em 2006, altura em que reuniu toda a família no *kintal* da casa, para a celebração do seu sexagésimo aniversário. Reencontrámo-nos em 2007, 2008 e 2009. Até 2008, Maureen vinha passar férias à casa da família, onde morou a sua mãe viúva e que, durante décadas, acolheu os filhos e netos residentes e visitantes. A casa da família teve como último residente o seu irmão mais novo (Christie Shepherdson), falecido em 2009.

Entretanto, em 2008, Maureen e Ian compraram um *bungalow* na zona costeira de *Klebang Besar* (uma zona de praias localizada nos arredores norte

da cidade de Malaca). O lugar aonde pensa regressar um dia, Malaca, é agora destino anual de férias e segunda residência do casal sexagenário. Maureen fala do *Settlement* como a sua *homeland*. Parte do seu quotidiano é passada no *kintal* da casa da mãe (sentada nos sofás de bambu, almofadados e estampados em tons florais). As décadas vividas na cidade de Victoria (Austrália) conferiram à sua pronúncia um acentuado sotaque australiano. O espaço actual de Ujong Pasir é descrito por ela como “dirty”, “messy”, em contraponto com o espaço que se habituou a frequentar no passado. Segundo ela, o turismo recente e a construção do hotel, gerido por malaios, introduziu grandes mudanças no local, pois, segundo Maureen, o *Settlement* deixou de ser “apenas para portugueses”; agora outras “raças” estão também ali quotidianamente. Maureen acalentou em vão o sonho de comprar a casa da família. Por desacordo entre os restantes herdeiros, a casa de família seria colocada para venda, após a morte do seu irmão Christie.

Há uma “nostalgia estrutural” (HERZFELD 2005: 147-182) nas entrelinhas das palavras de Maureen, para quem o *Settlement* do passado era um lugar ordenado e quase paradisíaco, em contraponto com a desordem do momento presente.

Lucia Fernandez Marsh tem uma leitura mais optimista do espaço de Ujong Pasir. Lucia, filha de Elsie e de Sunny Fernandez, nasceu na Rua Sequeira e cresceu no *Settlement* ao lado dos seus nove irmãos. Na juventude, foi dançarina de “danças portuguesas”. É casada com Celestine Marsh, também ele originário de Malaca. Lucia e Celestine são emigrantes na ilha de Christmas Island (Austrália). O casal regressa todos os natais ao *Settlement*, onde Lúcia é hoje proprietária da casa do seu pai, que adquiriu há alguns anos, após um acordo pacífico entre todos os irmãos. A casa da família, a que chama “Papa’s House”, continua, apesar disso, a ser o centro do clã Fernandez e o local de residência do pai. Hoje, as filhas residentes na cidade cuidam deste ancião viúvo, num sistema voluntário rotativo entre todas. Este facto torna o espaço doméstico o centro simbólico e quotidiano da vida da família alargada dos Fernandez.

O espaço foi remodelado por Lucia após a aquisição da casa. Investindo parte das suas poupanças, recorreu aos serviços de um arquitecto para embelezar o espaço doméstico. O interior da casa foi remodelado em tons de amarelo e azul e as paredes estão povoadas de fotografias dos familiares presentes e ausentes. No exterior (*kintal*), o jardim foi embelezado com mais espécies de plantas, com uma pérgula, uma fonte, uma estátua de Nossa Senhora (“Our Lady”), e um parlatório, elevado face ao solo (seguindo os padrões de arquitectura tradicional malaia), para melhor captar a brisa da tarde. Estes elementos arquitectónicos novos do *kintal* seguem as tonalidades azuis do interior da casa.

Lucia e Celestine costumam ficar algumas semanas em Malaca e trazem presentes da Austrália para toda a família (em particular, livros de receitas, enfeites de natal e outros objectos). Para Lucia, Malaca e a casa do pai são

o epicentro de uma *homeland* a que retorna sem cessar, cumprindo um ritual pessoal e familiar, que dá sentido à sua vida de emigrante e marca o tempo forte do seu calendário anual. O casal espera regressar de vez à cidade dentro de alguns anos e passar os anos de velhice entre os irmãos e sobrinhos netos, a ver passar os dias.

Lucia e Celestine são um exemplo de kristang que têm do *Settlement* a imagem de um lugar idealizado e romanceado¹² da vida na “village” de Ujong Pasir.

Uma imagem comparável da vida na cidade e no *Settlement* é visível noutros kristang entrevistados, por exemplo, Jaqueline de Silva¹³. Esta residente nasceu em Malaca (em Praya Lane) e migrou para Singapura com o marido nos anos 90. Regressou de Singapura em 2007 e passou, desde então, a residir em Malaca. Gosta mais desta cidade, que diz ser mais barato para educar os filhos. Deixou a casa de Singapura arrendada, onde espera voltar um dia, quando os três filhos forem para a universidade. Diz que em Singapura as “tradições já estão mais modernizadas” do que em Malaca, onde ainda se praticam “à maneira tradicional”: em Singapura, afirma Jaqueline, “as pessoas já estão a deixar de ter os altares na sala de entrada, e estão a recuá-los para os quartos”. Segundo Jaqueline, a Associação de Eurasians de Singapura está agora a ensinar kristang, para que não se perca a língua. Para Jaqueline, em Malaca, as tradições kristang continuam vivas, devido à concentração de portugueses e ao ritmo mais lento (“slower pace”) desta cidade.

Outros contactos durante o trabalho de campo, com outros visitantes euroasiáticos, comprovam como o regresso à *homeland* de Malaca é um ritual periódico. Entre elas, salientam-se as interacções tidas com Marjorie Lambert (residente em Coogee, Western Austrália), com Jenny Pearce (vinda de Mount Gambier, South Austrália), ou com Sally Lay (residente em Addington, Christchurch, na Nova Zelândia). Estas mulheres, que visitaram o *Settlement* entre Julho e Setembro de 2007, não pensam voltar para Malaca “for good” (definitivamente). Porém, a cidade é o seu destino de férias de família e a *homeland* a que regressam periodicamente.

Em síntese, para todas estas pessoas, Malaca e o *Settlement* são uma *homeland* crucial, um ponto de referência, de acolhimento, uma paragem importante da sua vida de euroasiáticas. Para a maioria destas pessoas, Malaca e o *Settlement* são representados como um lugar bucólico, romântico.

Após apresentar algumas situações individuais de kristang em viagens de turismo para Malaca, ilustra-se agora o argumento com o exemplo de um encontro de família, organizado por portugueses de Malaca, retirado das notas de campo.

O Sequeira Family Meeting

Em 19 de Dezembro de 2008, no ensaio do coro do *Settlement*, conheci Gerry Sequeira¹³, homem de meia-idade, magro e de bigode fino, que tem no coro a

posição de tenor. Após o ensaio, continuámos a conversa, enquanto nos deslocávamos para a zona interior da praça portuguesa. Gerry disse-me que no dia 28 de Dezembro de 2008, em sua casa, iria organizar um encontro da sua família – “Sequeira Family Meeting” – com a presença de noventa pessoas, algumas vindas da Austrália e de Singapura. Gerry disse-me ainda que os Sequeiras estão a fazer a árvore genealógica e interessados em preservar a sua cultura, ao contrário de outras famílias, que, segundo ele, “mingle with other people” e se casam com pessoas de outras “races”.

Um primo de Gerry, residente na Austrália, compilou uma apresentação (em formato de DVD) onde a história da família é contada. Este documento foi pensado para ser oferecido como presente na festa de Malaca. Com banda sonora de música kristang de Malaca, apresenta-se nele um mapa de Portugal onde, num lugar incerto do mapa, é identificada a localidade de origem do “clã”. A mobilidade mental entre o longínquo país de origem da família e a Malásia, é efectivada pela acção do fundador ancestral imaginado pelo grupo familiar, Diogo Lopes de Sequeira, navegador português do século XVI.

Os Sequeiras parentes de Gerry migraram entretanto para vários outros continentes (Oceânia, Europa, América). Os seus rostos estão representados no DVD em fragmentos de clips de vídeo e em fotografias de família. Algumas destas pessoas, apresentadas nas fotografias, são os progenitores dos convivas presentes na festa de Malaca. Estes progenitores, apesar de na sua maioria terem já falecido, tornam-se ainda assim agregadores do sentido de família, estando, por isso, presentes na memória dos actuais Sequeiras, gerando uma festa alargada de família, que integra passado e presente, alegria e nostalgia, raízes (*roots*) e encruzilhadas de futuro. O “encontro de família” teve, segundo Gerry, um enorme sucesso, e foi até alvo de uma reportagem num jornal local¹⁴.

Joanna Sequeira, uma das filhas de Gerry e de Agnes, contar-me-ia, semanas depois, que, após a festa em sua casa, passou a ter mais contacto com alguns dos seus primos até então desconhecidos; reencontra-os, agora, todos os dias através da rede social *facebook*. Joanna Sequeira tem vinte e poucos anos e trabalha em Malaca, no café *Starbucks*, localizado no centro comercial *Datharan Palawan*. Das conversas quotidianas com ela, depreende-se que emigrar não está nos seus planos mais próximos; mas, se estivesse, a sua decisão do destino migratório teria em conta esta rede de primos e tios Sequeira, residentes em Perth, em Singapura, em Londres e noutros locais espalhados pelo mundo. Estes familiares, que a sua casa acolheu, viajaram até à *homeland* de Malaca em Dezembro de 2008, conjugando a temporalidade das festas natalícias com a da reunião familiar. Na estadia que realizaram em Malaca, os membros da família alargada de Joanna Sequeira ficaram hospedados em casa de familiares e em hotéis da cidade. Esta estadia na cidade foi um regresso fugaz às raízes, fazendo uma paragem confortável, nos seus trilhos de mobilidades e de identidades sobrepostas (O’NEILL 2006a) da contemporaneida-

de. Neste regresso temporário, os Sequeiras reunidos em Ujong Pasir, ao reencontrarem a família, celebram a sua condição de kristang.

No universo de mobilidades que caracteriza hoje o mundo contemporâneo e em particular aquela região, os residentes portugueses do bairro são, também eles, num crescente número de situações, ‘turistas’: seja na visita a familiares, emigrados na Austrália ou no Reino Unido; em peregrinações aos santuários europeus de Lourdes e Fátima; em viagens de fim-de-semana de autocarro para Singapura ou Tailândia, ou ainda, para os mais afluentes, em pacotes turísticos para compras na cidade chinesa de Xangai.

Ser turista, aprendo com eles, é um exercício de modernidade, é ainda um exercício de poder e de circulação, de movimento (*rodar rodar*), que é socialmente valorado e premiado. Nessa busca da modernidade, quando os residentes kristang (que foram já eles também visitantes noutros lugares) interagem com os visitantes do bairro, essa interação parece não evidenciar a assimetria relacional encontrada noutros lugares turísticos estudados pelos antropólogos. Ao mesmo tempo, a sua condição de visitantes e ou de turistas, noutros espaços, possibilita-lhes o contacto com (e o consumo de) elementos estéticos que lhes permitem reatualizar a materialidade do seu quotidiano residencial no regresso a casa, localizada neste espaço que é classificado como turístico. Esta materialidade está decalcada em *souvenirs* variados (de recheio para a casa, objectos de prestígio e alimentos). A massificação e democratização do acesso a viajar tem relação com o desenvolvimento de empresas de aviação, algumas das quais aplicam tarifas de baixo custo (*low-cost*)¹⁵.

O exemplo que se apresenta em seguida ilustra isso mesmo.

As Holylands da Europa

Regina Maria Pereira é uma sexagenária euroasiática, residente em Malaca. Durante o trabalho de campo, era hábito encontrarmo-nos no bairro, quase todos os dias ao serão, no alpendre de uma amiga comum, Anne de Mello. Um dos passatempos preferidos de Regina é jogar às cartas (“gambling”), actividade que tem lugar na sua casa, ou na cozinha da casa de uma amiga, residente na rua principal do bairro.

Na tarde de domingo, 27 de Setembro de 2009, reencontro-a em Fátima, Portugal, na sala de entrada do hotel de quatro estrelas onde está hospedada, no centro da cidade, a apenas uns minutos do Santuário. Viaja acompanhada do marido e de duas mulheres suas familiares. O grupo familiar está por sua vez integrado num grupo mais alargado de “pilgrims” e todos integram um circuito de turismo religioso que reuniu cristãos (católicos e protestantes) de várias partes da Malásia e de Singapura.

Regina e a família, no seu itinerário na Europa, cumprem os passos de uma peregrinação secular, para a qual se prepararam durante anos. A viagem levou-os em primeiro lugar ao destino principal e mais desejado por todos: Roma e a cidade do Vaticano. A partir de Roma, viajaram de autocarro até

França. Em Lourdes, Regina visitou o santuário mariano e comprou *souvenirs* para os seus amigos e familiares. O grupo continuou depois viagem, até Espanha, parando algumas horas em Burgos, para uma visita à catedral daquela cidade. Sempre de autocarro, continuaram depois o trajecto na Península Ibérica até Fátima.

Na visita que lhe fiz, em Fátima, o marido de Regina esperava-me à porta do hotel. Ela estava à minha espera na sala interior, na companhia das duas mulheres da sua família. Regina vestia um fato preto, com blusa estampada em tons de cinzento e rosa e o seu rosto redondo, com cabelo castanho, cortado curto, era salientado pela maquilhagem suave que usava (*bâton*) e pelos acessórios que a ornamentavam (fio e pulseiras em ouro branco).

Em Portugal, viajou acompanhada de uma guia-intérprete portuguesa, que, depois da estadia em Fátima, a levaria à Nazaré e à Batalha e depois a Lisboa, cidade de onde voaria de regresso à Ásia. No seu itinerário europeu, o autocarro foi o meio de transporte preferencial usado na viagem. A janela do “bus” foi assim o ponto de observação privilegiado para, em movimento, Regina Pereira apreender os espaços novos das (outrora tão distantes) *holylands* europeias. A noção de continuidade destes espaços já era alimentada antes da sua viagem real. Para Regina e para outros kristang, os santuários de Lourdes e Fátima são, ambos, identificados territorialmente com “Portugal”. Na sua viagem real, Regina aprendeu que apesar da localização geográfica destes santuários os situar em países diferentes, o mapa mental da sua *holyland* europeia manteve-se. Isto porque a sua mobilidade territorial realizou-se sem paragens em fronteiras, contrariamente àquelas a que está habituada na Ásia (entre a Malásia e Singapura). Uma *land* contínua, que apesar de atravessar vários países, lhe parece um espaço contínuo. Em Portugal, fascinou-a o clima “fresco”, a limpeza das ruas, as casas e a floresta. Em Fátima, visitou e rezou na “cathedral” e comprou “many rosaries”, na loja do hotel. Estes *souvenirs* de Portugal e de Fátima seriam, depois, por si redistribuídos em Malaca entre os seus amigos e familiares. Com esta viagem, há muito ansiada, Regina Maria Pereira refere que cumpriu um dos seus objectivos de vida. Disse-me que gostaria de voltar no futuro a Portugal e de ficar mais tempo, para conhecer o “countryside”. Ficou fascinada com os muros de pedra da serra de Fátima e gostou muito de conhecer uma “small village” onde viveram os três “little shepherds” (pastorinhos).

Na sua condição de turista, Regina Pereira reactualizou, nesta viagem intercontinental à Europa, a imagem mental de uma *homeland* da sua identidade kristang. Um processo similar acontece entre os visitantes kristang que se deslocaram em lazer ao Bairro Português de Malaca.

Balanço em aberto

Entre os visitantes kristang que aqui apresentámos, os espaços visitados são desenhados como *homelands*, lugares identitários numa rede de contactos que

atravessa vários espaços e vários tempos e nos quais se tece um território de identidades sobrepostas (O’NEILL 2003).

A condição de ser “turista” é, neste contexto, uma metáfora das relações que se tecem entre pessoas, entre grupos, entre visões do mundo. É em simultâneo uma metáfora e uma metonímia da construção de espaços imaginários/imaginados. No *terreno* produzido ao longo deste trabalho, o espaço mental a que se dá o nome de *paraíso desfocado* (PIRES 2012) é construído usando a prática cultural da nostalgia como cimento agregador. Neste espaço imaterial, há a construção de um espaço *in-between*, entre espaços que congregam o perto-longe, aqui e além, ontem e hoje, passado e presente.

O Turismo e o Lazer são fenómenos profundamente imbricados, vivencial e epistemologicamente. Este texto problematizou modalidades diferenciais de apropriação do espaço por categorias de pessoas que praticam o espaço do *Portuguese Settlement*. Através das retóricas turísticas que classificam o *Settlement*, o Governo da Malásia reapropria e recoloniza este espaço. Espelho que neste espaço que, como vimos, foi classificado como lugar turístico, se observa um processo de exotismo biunívoco: por um lado, o espaço é representado como “*memorabilia* empacotada” (*packaged remembrance*) de um encontro histórico entre a Ásia e a Europa, que vende uma imagem cristalizada e essencializada do grupo que nele habita (os *Malacca Portuguese* ou *Kristang*).

Recentes análises sobre o turismo na Ásia (WINTER 2007) demonstram como existe um campo emergente de realidades teórico-empíricas a explorar. Na Ásia, em geral, e na Malásia em particular, associado a este processo de turistificação de espaços, há uma ideia de modernidade (GOH 1998) que embrulha e ajuda a compreender como ser turista é adquirir poder simbólico junto de outros. Na Ásia, a emergência do turismo é uma vertente mais recente e mais visível, de uma prática ancestral, a da viagem, integrante do itinerário de vida de grande parte da população. A compreensão da condição humana, que despertou a curiosidade de gerações de antropólogos, está também na base do que faz com que pessoas concretas embarquem em situações sociais de mobilidade em lazer e sejam turistas num número cada vez mais abundante de situações. Durante o trabalho de terreno, cruzámo-nos com muitas dessas pessoas.

Na actualidade existe, em número cada vez mais representativo, um turismo de “origem asiática” (WINTER *et al.* 2009), que procura espaços, experiências, que são valoradas de modos diversos entre si. E que, por isso mesmo, deixam cair por terra os pressupostos eurocêntricos de estética, de valor atribuído a espaços e de classificação de espaços. Eles e as suas práticas levam-nos a reajustar os *aparatus* teórico-analíticos. Reconsiderando o autêntico, o inautêntico, o belo e outros tropos reificados da categorização feita pelos académicos.

Há uma subtil relação entre ser turista e assumir poder de olhar o mundo, de o percorrer, de ter o direito ao lazer e a deslocar-se. Na clássica

definição de Valene Smith, um turista era definido como uma pessoa temporariamente em lazer, que voluntariamente se desloca para fora de sua residência com o objectivo de experienciar uma mudança (SMITH 1989). Os *turistas* que observámos demonstram bem como essa mudança, real e/ou imaginária, impele as suas vidas em papéis transitórios e fugazes de turistas. Por vezes, a experiência de ser turista está colada a uma paleta de emoções que se revelam em viagem. E que são lente angular de percepção e apropriação dos espaços percorridos durante a viagem.

Epistemologicamente, esta investigação pretendeu explorar categorias ambivalentes, mais do que as enraizadas em certezas analíticas muito fechadas. É nas margens fronteiriças dos conceitos que se acomoda muita da *imponderabilidade da vida real* (DIAS 1997). É nas *esquinas* dos cruzamentos dos modelos teóricos que se alojam perguntas e respostas sobre a condição humana. E é aí que a Antropologia é chamada a escutar as vozes sussurradas dos interstícios dessas vidas humanas.

Nestes interstícios, conceptuais e reais, encontramos os próprios euroasiáticos portugueses de Malaca. Ambivalentes no nome e na representação que outros fazem deles, como tendo “identidades sobrepostas” (O’NEILL 2003), ou sendo “camaleões culturais” (SARKISSIAN 2003). Na encruzilhada destas representações, eles são pessoas *in-between* (FRIEDMAN 2005), viajantes reais e/ou imaginários através de espaços e tempos. A sua experiência de vida ensina-nos como é importante relativizar categorias e certezas analíticas dos territórios e dos saberes, e dos objectos que se movimentam através dos espaços. Como os caranguejos de Oswald Goonting ou as lembranças empacotadas que os portugueses de Malaca levam consigo para casa depois das férias. Estes artefactos são pávio para a construção (e em sentido inverso, também para a desconstrução) de paraísos desfocados (PIRES 2012). Espaços estes, dentro dos quais as pessoas tecem os significados das suas viagens – mentais e/ou reais – e procuram o(s) sentido(s) das suas permanências.

Notas

¹ Em Malaca, foi feita consulta aos seguintes arquivos privados: Bosco Lazaroo, Paul da Silva, Gerry Fernandis, Oswald Goonting, Aloisous Santa Maria, Arquivo do Painel do Regedor, Arquivo de Michael Banerji, Jules Pierre Francois e Colin Goh. Em Kluang, arquivo pessoal de Sister Dorothy Santa Maria. Em Singapura, consultou-se o arquivo pessoal de Christine Rodrigues Karanajah, acrescido de realização de entrevistas a esta informante privilegiada (em 2007 e 2009).

² *Race* é uma categoria usada quotidianamente (do *Citizen Card* aos formulários das escolas) pelas pessoas. É por isso aqui usada também. Esta categoria enquadra também a minha própria condição de *matsalleh* (branca) em *working-holiday*, que expressa o modo como eu e os outros observadores profissionais brancos (académicos e outros) fomos percebidos pelos *kristangs*.

³ Por exemplo, entre os *Mahan-people* encontramos pessoas que são identificadas como *Singaporeans*, *K. L. people* e *other people*. Estas três sub-categorias perpassam transversalmente

e esvaziam de sentido as dicotomias académicas “turista internacional”, “residente” e “turista doméstico”.

⁴ As “asas de frango fritas” (*chicken wings*) são um prato muito apreciado em Malaca; têm um preço que por vezes sofre oscilações no mercado, decorrente da oferta e da procura existentes.

⁵ Comunicação pessoal, em 15 e 16 de Dezembro 2008, em Singapura.

⁶ Sobre o conceito de *homeland* cf. LEVY e WEINGROD 2005.

⁷ Comunicação pessoal, 15 de Dezembro de 2008, em Singapura.

⁸ *Rojak* é um prato associado principalmente à culinária dos malaios, cujos ingredientes são misturados no recipiente que se serve à mesa.

⁹ A afiliação identitária de Philomena Nonis a Singapura estará certamente relacionada, numa escala mais abrangente, com o processo de emergência dos euroasiáticos de Singapura no coador das políticas multirraciais de Singapura, estudado pelo sociólogo Alexius Pereira (2006).

¹⁰ A isto não será alheio o processo mais abrangente de romantização da *kampung life* (vida na aldeia) existente na Malásia e Singapura contemporâneas. Um processo que tem sido alvo da atenção de autores como GOH (1998) e CHUA (1994), que analisam os contextos da Malásia e de Singapura, respectivamente.

¹¹ Um processo que também é observável noutros locais da Malásia, como anota Goh Beng Lan (1998).

¹² Comunicação pessoal, 16 de Novembro de 2008, em Malaca.

¹³ Gerry é marido de Agnes Lazaroo, que é contralto no grupo coral. No início da nossa interação, perguntou-me se eu era jornalista. Disse-lhe que não: “I’m an anthropologist”. “What’s that?” – perguntou ele. “It’s someone that studies the culture and the traditions of people”, referi. Acrescentei ainda: “I’m here studying the Portuguese culture and traditions”. Perguntou-me depois de onde sou (e qual a minha nacionalidade). Disse-lhe que era portuguesa e vinha de Lisboa. Ele perguntou-me se “lá em Portugal” há livros nos museus sobre a “presença portuguesa” em “Malaca”. Eu confirmei. Ele acrescentou, com um tom enfático e sorridente, que em 2009 contar-se-iam 500 anos da chegada dos portugueses. Eu anuí, lacónica.

¹⁴ O jornal *The Star*.

¹⁵ Com particular relevância no contexto em análise, salienta-se a empresa Air Asia.